



O R-TEPE /r/ NA FALA DE USUÁRIOS DESCENDENTES DE FALANTES DE HUNSRÜCKISCH: UM PRECONCEITO LINGUÍSTICO COM ESSA VARIANTE FONOLÓGICA NA LÍNGUA PORTUGUESA BRASILEIRA NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ¹

Camila Elis Fritsch (IFRS)²
(cami_fritsch23@hotmail.com)

Cristiano da Silveira Pereira (IFRS)³
(cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br)

RESUMO: O presente trabalho observa a pronúncia do fone [r] em palavras da Língua Portuguesa na fala de usuários descendentes de falantes do Hunsrückisch e visa estudar o preconceito linguístico com a variante fonológica do r-tepe /r/ existente na fala desses descendentes. Este trabalho, com perspectiva da Sociolinguística Variacionista, considera a variação linguística referente ao contato linguístico entre a Língua Portuguesa Brasileira, idioma oficial do país, e a língua de imigração presente na cidade de Feliz e região do Vale do Café, o Hunsrückisch. As influências desse contato linguístico perpassam pelo campo da fonética-fonologia do Português falado por descendentes alemães. É possível perceber na fala desses descendentes a troca do r-forte /r/ e /x/ pelo r-tepe /r/ em palavras da Língua Portuguesa, e a substituição desse fonema, muitas vezes, é motivo de preconceito linguístico com os descendentes que utilizam essa variante fonológica devido ao contato com a língua de imigração alemã. O objetivo, portanto, é verificar a ocorrência dessas variantes em diferentes contextos: início de palavra (posição pré-vocálica) e posição intervocálica com [r] ortográfico e início de sílaba na fala de descendentes de falantes de Hunsrückisch e compreender a motivação dessa troca de fonemas em cada um desses contextos. A hipótese inicial era a de que a influência do Hunsrückisch na pronúncia do r-tepe /r/ na fala de palavras da Língua Portuguesa dos descendentes de alemães ocorria devido à diferença na articulação do fonema nas línguas em questão. A metodologia se centrou primeiramente na leitura do nosso *corpus* com fins de selecionar os sujeitos descendentes de usuários do Hunsrückisch e verificar a ocorrência das variantes nos diferentes contextos apresentados, com intuito de se observar o preconceito linguístico em relação à variante fonológica estudada.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Hunsrückisch. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT: The present work observes the pronunciation of the [r] phoneme in words of the Portuguese Language in the speech of descendent users of Hunsrückisch and aims to study the linguistic

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a obtenção do título de Graduada em Letras — Português e Inglês, sob orientação de Cristiano da Silveira Pereira; Destaque em pesquisa na área de Linguística, Letras e Artes na 7ª Mostra Técnica do IFRS Campus Feliz, em outubro de 2018.

² Acadêmica do 8º semestre do curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) — Campus Feliz. E-mail: cami_fritsch23@hotmail.com

³ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) — Campus Feliz —, mestre em Letras pela UFRGS e doutorando em Letras pela UFRGS. E-mail: cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br



prejudice with the phonological variant of the r-tepe / r / existing in the speech of these descendants. This work, with perspective of Variationist Sociolinguistics, considers the linguistic variation referring to the linguistic contact between the Brazilian Portuguese Language, the official language of the country, and the immigration language present in the city of Feliz and the region of the Caí Valley, the Hunsrückisch. The influences of this linguistic contact permeate the field of phonetic-phonology of Portuguese spoken by German descendants. It is possible to perceive in the speech of these descendants the exchange of r-forte / ř / and / x / by r-tepe / r / in words of the Portuguese Language, and the substitution of this phoneme is often reason for linguistic prejudice with descendants who use this phonological variant due to the contact with the German immigration language. The aim, therefore, is to verify the occurrence of these variants in different contexts: word beginning (pre-vowel position) and intervocalic position with [r] orthographic and syllable beginning in the speech of descendants of Hunsrückisch speakers and understanding the motivation of this exchange phonemes in each of these contexts. The initial hypothesis was that the influence of the Hunsrückisch on the pronunciation of r-tepe / r / in the speech of words of the Portuguese language of the descendants of Germans occurred due to the difference in articulation of the phoneme in the languages in question. The methodology focused primarily on the reading of our corpus in order to select the descendant subjects of Hunsrückisch users and verify the occurrence of the variants in the different contexts presented, in order to observe the linguistic prejudice in relation to the phonological variant studied.

KEYWORDS: Sociolinguistic Variation. Hunsrückisch. Linguistic Prejudice.

1. INTRODUÇÃO

O Hunsrückisch, variedade linguística alemã falada no sul do Brasil, foi uma das línguas trazidas pelos alemães da região de Hunsrück durante o processo de imigração que se iniciou no Brasil em 1824 (ASSMANN, 2009). Essa variedade tem como base, essencialmente, o dialeto francônio-renano, porém se desenvolveu no decorrer do tempo, tendo influências de outros dialetos alemães em solo brasileiro e, também, do Português.

As influências desse contato linguístico não se limitam apenas a aspectos lexicais em que ocorre o empréstimo de palavras entre as línguas, mas também no campo da fonética-fonologia do Português falado por descendentes alemães. Nessa perspectiva, o presente trabalho estuda o preconceito linguístico com a variante fonológica do r-tepe /r/ na fala de usuários descendentes de falantes do Hunsrückisch.



2. CONTEXTO DE USO DO HUNSRÜCKISCH

Na presente seção, pretende-se pontuar a respeito de alguns aspectos que servirão de base para o desenvolvimento desse trabalho, como o conceito de língua a ser utilizado a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista e os aspectos que envolvem o Hunsrückisch.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: O QUE É LÍNGUA PARA LABOV?

A Sociolinguística é um dos campos de estudo da Linguística que “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala”. (MOLLICA, 2015, p. 9) e, por sua vez, realiza seus estudos articulando questões linguísticas e sociais. Segundo Mollica, ela ocupa um “espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (2015, p. 9). Portanto, a Sociolinguística é reconhecida por correlacionar a língua e a sociedade.

A Sociolinguística teve início como um campo de estudo por volta de 1960 com a realização de estudos mais sistemáticos na área. Porém, as ideias de descrever a heterogeneidade linguística e de estabelecer um padrão que conseguisse abordar todos os fatores sociais que influenciavam na língua só se resolveram com os estudos de Labov que, por sua vez, ficou conhecido através de sua Teoria da Variação Linguística.

De um modo geral, é possível destacar que, desde Saussure, existiram muitos linguistas junto de suas linhas teóricas tentando solucionar problemas e dar explicações quanto à língua. Porém, a Sociolinguística oportunizou o estudo científico de ocorrências linguísticas que, até então, estavam excluídas.

Deste modo, a Sociolinguística Variacionista, atribuída a William Labov, propõe que a língua seja considerada como um fato social, um sistema heterogêneo que está sujeito à variação pelo seu emprego social e partilhado em situações comunicativas.

2.2 A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO HUNSRÜCKISCH

Segundo Altenhofen (2013), atualmente, no Brasil, temos a presença de, pelo menos, 13 línguas de imigração que são de origem alemã, dentre elas está o Hunsrückisch. O Hunsrückisch foi uma das línguas trazidas com maior força pelos alemães da região de Hunsrück, que se localiza em uma região montanhosa da Alemanha, na região da Renânia Central, próxima das fronteiras com a França e Luxemburgo:

O Hunsrückisch, tal como é hoje e com essa denominação, originou-se de dois tipos do dialeto francônio (francônio-renano e francônio-moselano), os quais começaram a vir para o Brasil em 1824, trazidos pelos seus falantes dessa região chamada Hunsrück, localizada entre os rios Reno e Mosela (SPINASSÉ, 2013, p. 335).

Segundo Altenhofen (1996), o Hunsrückisch é, provavelmente, uma das variedades mais faladas no Brasil, por isso se configura como suprarregional. Spinassé (2017) pontua que a disseminação do Hunsrückisch se deve ao fato de que, no alto do processo de imigração, a maioria dos imigrantes alemães vieram da região de Hunsrück e, portanto, sendo a língua da maioria, naturalmente se sobrepôs sobre as outras variedades como o *pomerano* e o *vestfaliano*.

O Hunsrückisch é uma língua de imigração essencialmente falada, podendo ser chamado de *coiné*, ou seja, o produto de uma fusão dos dialetos alemães que se encontraram aqui, pois os contatos dos dialetos alemães com o Alemão padrão e o Português, além de outras línguas de imigração, constituíram o Hunsrückisch. De

acordo com Spinassé (2017), o Hunsrückisch atuou, por vezes, como uma língua franca⁴ entre colônias próximas com falantes de outras variedades:

[...] o Hunsrückisch, em relação a outros dialetos alemães, é tipologicamente mais próximo do alemão considerado padrão, e acabava sendo adotado, em situações de contato linguístico, também por falantes de outras variedades – por exemplo, em colônias próximas ou quando pessoas de outra variedade eram inseridas na família através de casamento (SPINASSÉ, 2017, p. 97).

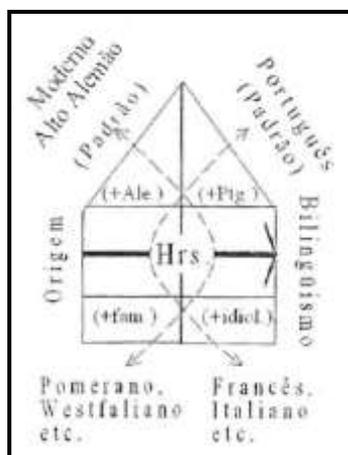
Conforme explicitam estudos de Altenhofen (1996), o Hunsrückisch, portanto, apresenta uma composição de elementos linguísticos heterogêneos e traços de outras variedades dialetais. Esses elementos foram revelados através de suas pesquisas entre as colônias colonizadas em 1824 e as outras colonizadas a partir de 1890. Portanto, Altenhofen (2003) assim define o Hunsrückisch:

Um contínuo dialetal variável entre um extremo francônio-moselano, mais desviante do alemão-padrão, e outro francônio-renano, mais próximo deste, sendo que a esse contínuo se acrescentam influências variáveis do contato maior ou menor com o português e com o próprio padrão do alemão (Hochdeutsch) (ALTENHOFEN, 2003, p. 150).

Portanto num âmbito diacrônico da língua, é possível perceber, na imagem abaixo, que essa variedade dialetal de imigrantes apresenta uma progressão, considerando que ela parte, originalmente, monolíngue na variedade alemã, passa pela agregação de componentes do Português até chegar ao bilinguismo. Esse bilinguismo, segundo Altenhofen (2003, p. 150), pode ser em grau variado, em ambas as línguas de contato, ou pela completa substituição da língua de imigrantes para o Português. A Figura 1 demonstra o contínuo linguístico em que se encontra o Hunsrückisch.

⁴ Denominação de qualquer língua que serve para a comunicação entre pessoas que não têm outra língua em comum. (PRIŠTIC, 2010).

Figura 1 – Contínuo linguístico do Hunsrückisch como variedade dialetal de imigrantes em contato com o português



Fonte: ALTENHOFEN (2003, p. 151).

O Hunsrückisch, na Figura 1, ocupa o centro onde recebe influências do Alemão Padrão (+Ale) e suas variedades e, simultaneamente, também recebe influências do Português Padrão (+Ptg) e de outras línguas como o Francês e o Italiano. É importante observar que as linhas durante o seu percurso da língua padrão até as variedades se atravessam e, por sua vez, também se apropriam dos famioletos (+fam) e os idioletos⁵ (+idiol), ou seja, agregam elementos de variações linguísticas presentes nessas línguas.

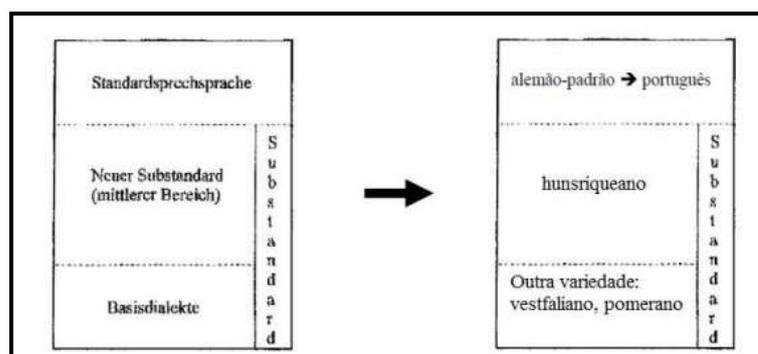
Nesse sentido, o Hunsrückisch apresenta-se em um contínuo linguístico, pois todo e qualquer grupo de variedades no âmbito linguístico que compõe uma língua desdobra-se em um contínuo linguístico. (SCHNEIDERS, 2017, p. 30, apud BERRUTO, 2010). O Hunsrückisch é, logo, o produto do contato de variedades linguísticas do Alemão e de outras línguas, sistematizadas em um contínuo linguístico. (ALTENHOFEN, 1996). Assim, o Hunsrückisch reúne componentes integrados mediante constantes contatos com outras variedades do Alemão.

⁵ Designação do modo de falar característico de um indivíduo. (BAGNO, 2007).

Bagno (2001, p. 163) define, através do termo *diglossia* (= duas línguas), uma situação em que essas estão em uso ao mesmo tempo por uma comunidade de falantes, sendo que uma delas geralmente possui “um *status* sociocultural mais prestigioso que a outra.”

É importante ressaltar que aqui se entende como variedade mais padronizada ou de prestígio aquela que é empregada pela mídia, no espaço político, entre outros. Em compensação, a variedade menos padronizada ou não padrão é aquela empregada nas conversações familiares, na vida cotidiana. Essas variedades, por sua vez, segundo essas posições, podem ser identificadas como *standard* [variedade + padrão], *substandard* [variedade – padrão] e pelo dialeto-base⁶ que é, por sua vez, uma subvariedade da variedade *substandard*, pois apresenta um grau de dialetalidade maior. A Figura 4 apresenta a estrutura do *substandard* que possibilita compreender um pouco mais da conjuntura do Hunsrückisch.

Figura 2 – Estrutura do substandard por G. Bellmann



Fonte: HORST (2014, p. 38).

⁶ Termo definido por Bellmann (1983) como *Basisdialekt*.



De acordo com o esquema, é possível perceber que o Alemão-padrão (Hochdeustsch), que ocupava um lugar na categoria *standard*, está cedendo seu lugar ao Português no Brasil, principalmente com os acontecimentos do projeto de nacionalização do Estado Novo (1940) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando as línguas de imigração foram proibidas.

O Hunsrückisch encontra-se no nível *substandard*, considerando-se que é uma variedade de tradição oral sem escrita padronizada. Na categoria de dialeto-base, no esquema, temos exemplificadas outras variedades adjuntas ao Hunsrückisch que possuem, portanto, um maior grau de dialetalidade, como, por exemplo: o vestfaliano e o pomerano.

3. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

No âmbito social, a palavra preconceito é aplicada à frente de vários termos como forma de definir as diversas manifestações desse em nossa sociedade. Dentre esses, destaca-se o preconceito linguístico que, apesar de ser um sério problema social, é identificado por pouquíssimas pessoas, conforme destaca Bagno (2015, p. 22):

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo (Bagno, 2015, p. 22).

Por esse motivo, muitas vezes, define-se o preconceito linguístico como uma espécie de preconceito velado devido ao seu caráter de (quase) invisibilidade social. Esse discurso do preconceito linguístico perpassa pelo mito da unidade linguística do Brasil:

[...] se nega o caráter multilíngue do país, onde são faladas mais de duzentas línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, língua surgidas das situações de

contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de fatores remanescentes das diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravagista. (BAGNO, 2015, p. 26).

O fato é que não existe língua una e uniforme. Nesse sentido, Bagno (2015, p. 27) explica que o caráter homogêneo da língua não é real:

O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (Bagno, 2015, p. 27).

Logo, não existe língua "feia", "pobre" ou ainda língua "melhor" ou "mais correta". Toda língua varia de acordo com a necessidade da comunidade na qual está inserida, portanto é preciso perceber que todo falante nativo de uma língua conhece essa língua, pois o conhecimento dessa implica em conhecê-la e utilizá-la com naturalidade, empregando suas regras básicas de desempenho. Nessa perspectiva, Bagno (2015, p. 64) caracteriza o preconceito linguístico:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português" (Bagno, 2015, p. 64).

Nesse contexto, Bagno (2015) pontua que o Português brasileiro apresenta um "alto grau de diversidade e variabilidade" decorrente não só da extensão territorial do país, mas também devido à má distribuição de renda do mesmo. (BAGNO, 2015). Esse caráter diverso e variável do Português, indicado por Bagno (2015), muitas vezes gera situações de preconceito linguístico devido às diferenças que existem entre as variações.

3.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA

Diante de uma mesma palavra, é possível que tenhamos várias interpretações pessoais de pronúncia, e isso ocorre devido à variação já mencionada. Lamentavelmente, há uma tendência no ensino da língua, que se estende ao senso comum, de se ensinar a pronunciar as palavras exatamente do jeito que se escreve, alegando que essa é a única maneira “certa” de se falar português. (BAGNO, 2015).

A partir dessa tendência, portanto, é que partem os julgamentos e os conceitos da existência de um falar “certo” e um “errado”. Bagno (2015), inclusive aponta para a criação de “nova” língua:

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado da história social e cultural das pessoas que falam a língua em cada canto do Brasil (BAGNO, 2015, p. 80).

A importância da língua falada pode ainda ser assinalada pelo fato de que é ela o palco das mudanças e das variações que ocorrem e que continuamente transformam a língua. (BAGNO, 2015).

3.1.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO COM DESCENDENTES ALEMÃES USUÁRIOS DO HUNSRÜCKISCH EM FELIZ

O contato linguístico, aliado ao cenário histórico da imigração alemã, promoveu a ocorrência uma nova variedade linguística. Assim, temos aqui a composição de uma diglossia desempenhada a partir do contato da língua oficial do país, o Português, com uma língua de imigração, o Hunsrückisch, variedade derivada dos imigrantes alemães.

Segundo Spinassé (2013), a significativa presença de elementos do Português no Hunsrückisch, com o tempo, acabou sendo vista como negativa, o que concedeu à

língua um *status* pejorativo de ‘língua misturada’. Essa imagem negativa que o Hunsrückisch possui na sociedade tem relação, por exemplo, com a ideia de monolinguismo presente na linguística do Brasil, que idealiza a norma padrão e, portanto, não admite as suas variações e aos fatores já mencionados.

Todo esse contexto colaborou para que algumas famílias parassem de falar o Hunsrückisch devido à ideia de que se tratava de uma língua inferior e secundária. Nesse sentido, Spinassé (2013) observa:

Muitos dos que continuam falando sofrem, ainda hoje, preconceito em relação a seu sotaque ou mesmo preconceito pelo simples fato de falar uma língua ‘diferente’, pois muitas pessoas ainda defendem que no Brasil só se fala português ou acreditam na tese de que [o Hunsrückisch] se trata de uma língua ‘menor’. (SPINASSÉ, 2013, p. 337).

A maioria das pessoas da região de Feliz, descendentes de alemães, possui competência linguística no Hunsrückisch tanto que, geralmente, o adquirem como língua materna. No entanto, devido às imposições já declaradas, elas também possuem habilidades na Língua Portuguesa, logo podem ser consideradas bilíngues.

O sujeito bilíngue durante as suas práticas linguísticas pode variar em questões de grau, função, alternância e interferência. (SCHNEIDERS, 2017 apud MACKAY, 1972). Conforme Schneiders (2017), as questões de grau dizem respeito aos níveis de proficiência do indivíduo nas quatro habilidades; a função indica “para que e em que condições” a língua é utilizada; a alternância é a mudança de uma língua para outra; e, a interferência “é como uma das línguas do indivíduo influencia” no desempenho de outra. (SCHNEIDERS, 2017, p. 34). Nessa perspectiva, verifica-se que no contexto desse trabalho, há uma situação de bilinguismo entre o Português brasileiro e o Hunsrückisch em que existe uma interferência fonológica.

Essa interferência fonológica ocorre por meio do sotaque⁷ proveniente do Hunsrückisch. O sotaque, segundo Bagno (2015), se caracteriza por traços segmentais e/ou por traços suprasegmentais⁸ e demonstra, instantaneamente, a identidade linguística do falante. Nesse sentido, no contexto considerado, tem-se uma interferência fonológica que tem como característica traços segmentais, especialmente, em relação ao fone [r], uma vez que a troca dos fonemas r-forte /ʀ/ e /x/ pelo r-tepe /r/, ao pronunciarem palavras do Português, é característica em descendentes de alemães usuários de Hunsrückisch da cidade de Feliz.

3.1.2 O FONE [R] NA LÍNGUA PORTUGUESA BRASILEIRA E NO HUNSRÜCKISCH

O fone [r] é classificado como uma consoante, sendo que esse é o elemento que, combinado a uma vogal silábica, forma uma sílaba. Desse modo, a consoante possui diferenças articulatórias que variam de acordo com a sua posição na palavra: pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica. (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014).

As consoantes do Português, tal como a língua, apresentam variações no seu uso que, segundo Monaretto, Quednau e Hora (2014), podem ser influenciadas pelo ambiente fonético em que se encontram, por distribuição complementar ou livre, ou ainda por fatores extralinguísticos geográficos e/ou sociais. Assim sendo, uma das consoantes variáveis que possui mais formas da Língua Portuguesa Brasileira é o fone [r]. De acordo com Monaretto, Quednau e Hora (2014), os modos de articulação do [r] dependem do dialeto e do contexto linguístico:

Na posição pré-vocálica (rato, honra), ocorre a vibrante forte, independentemente de sua realização fonética; em posição pós-vocálica (carne, mar), o contexto de maior variação, predomina a

⁷ O termo sotaque designa a maneira como cada falante “canta” a sua língua conforme as características da sua região, classe social ou etnia (BAGNO, 2015).

⁸ Os traços segmentais dizem respeito a características dos sons das línguas, já os traços suprasegmentais se relacionam a elementos de entonação, duração, etc. (BAGNO, 2015).

simples em dialetos do Sul; em grupo consonântico (prato), só aparece a vibrante simples; na posição intervocálica, a diferença é importante, pois distingue significados como em caro/carro[...] (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014, p. 212).

Em relação à vibrante, há uma controvérsia entre autores quanto ao seu status fonológico: um ou dois fonemas? Segundo Monaretto, Quednau e Hora (2014), a literatura menciona duas interpretações: a de que o Português possui duas vibrantes (a forte e a fraca) e a de que ele possui apenas um fonema vibrante. Cabe esclarecer que, neste trabalho, não se pretende pontuar sobre esse conflito de modo a defender uma ou outra interpretação. Sendo assim, utilizar-se-á a concepção de Steffen (2013), que considera que o fonema vibrante pode ter duas realizações: “r-forte e r-fraco, brando ou simples”, sendo que, conforme o contexto fonético e a região em que forem realizados podem apresentar variantes diferentes. Nessa perspectiva, Monaretto, Quednau e Hora (2014) apresentam as possíveis variáveis do fonema:

O ‘r’, que pode ser pronunciado como vibrante ([r]ápido), fricativa velar ([x]ápido), uvular ([R]ápido) e aspirada ([h]ápido), ou como uma vibrante simples (c[r]avo, ma[r]), ou ainda como um som retroflexo ([ɾ]ápido, ma[ɾ]). (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014, p. 208-209).

Tendo em vista as possíveis variações do fonema, Steffen (2013, p. 244) ressalta sua variação de acordo com a região: “[...] é realizado como fricativa velar [x] no Rio de Janeiro, como fricativa glotal [h] em Belo Horizonte, e mais no sul, em São Paulo e no Rio Grande do Sul como vibrante múltipla alveolar [r]”. Ainda segundo Steffen (2013), o fonema /r/, quando em posição de coda silábica, neutraliza o contraste que há entre r-forte e r-fraco; deste modo, é possível que, em uma variedade, se pronuncie ou um r-tepe /r/ ou uma das variedades do r-forte.

De acordo com Monaretto (2002), a Língua Portuguesa Brasileira tem disposição de alteração do ponto de articulação (de anterior para posterior) e no modo de articulação (vibrante para fricativa) do fonema vibrante forte, porém essa mudança ocorre lentamente na região sul devido aos abundantes contatos linguísticos da língua com as línguas de imigração. Por esse motivo, é possível verificar a predominância do



uso da vibrante alveolar na região sul. (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011).

Já no Hunsrückisch, língua de imigração falada por descendentes de alemães da cidade de Feliz, há apenas a realização de 1 fonema vibrante, a vibrante simples alveolar, isto é, o r-tepe /r/. Por conseguinte, a transferência da realização fonética do [r] do Hunsrückisch para a Língua Portuguesa falada por descendentes de alemães é um efeito natural, que é configurado pela neutralização citada anteriormente. (STEFFEN, 2013). Essa transferência fonética é também apontada por Monaretto, Quednau e Hora (2014) quando pontuam que a articulação alveolar é predominante no Rio Grande do Sul e ainda que os bilíngues de colonização europeia, como os imigrantes alemães, substituem a vibrante múltipla pela simples em qualquer contexto da palavra. (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A cidade de Feliz, localizada no Vale do Caí, foi escolhida por ser uma cidade instituída por imigrantes alemães e pela grande presença de seus descendentes na região. A coleta de dados desta pesquisa ocorreu na comunidade escolar de Feliz com alunos que frequentam o primeiro ano do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) do Campus Feliz. Foram realizadas 34 no ensino médio da comunidade escolar de Feliz.

Para determinar a influência da língua de imigração na fala em Língua Portuguesa dos descendentes de alemães usuários de Hunsrückisch da comunidade escolar de Feliz é preciso identificar em quais contextos fonéticos a pronúncia do [r] se diferencia. Portanto, as variáveis linguísticas pesquisadas são:

- a) posição pré-vocálica (início de palavra), como em rato;
- b) posição intervocálica com “r” ortográfico, como em corrida;
- c) posição intervocálica no início de sílaba, como em cadeira.

5. ANÁLISE DE DADOS: DESCRIÇÃO DO USO DA VARIÁVEL NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ

Os entrevistados analisaram a sua pronúncia em três palavras que apresentam dois contextos diferentes de realização do fone [r]: início de palavra (posição pré-vocálica) e posição intervocálica (com r ortográfico <-rr> e início de sílaba). Os resultados dessa análise quantitativa são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Realização do fone [r] na palavra rato

[R] REALIZADO COMO	DESCENDENTES	NÃO DESCENDENTES
r-forte	44,4 %	50%
r-tepe	44,4 %	50%
as duas realizações	11,1%	-

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

De acordo com os resultados apresentados no Quadro 1, na realização do fone [r] na palavra *rato*, em contexto linguístico de início de palavra, os descendentes de usuários de Hunsrückisch indicaram realizar na mesma proporção a variante r-tepe [r] e as variantes do r-forte [ř, x], da mesma maneira que os informantes não descendentes. Esses resultados comprovam a influência linguística que decorre do contato da Língua Portuguesa Brasileira com o Hunsrückisch nessa comunidade de fala.

É possível determinar essa influência fonético-fonológica, pois, no sistema consonantal brasileiro, o r-tepe /r/, tipicamente, não se apresenta em início de palavra. Segundo Silva (2015), os contextos típicos do r-tepe /r/ no Português Brasileiro são dois: seguindo uma consoante na mesma sílaba (como em *prata*) ou em posição intervocálica (como em *cara*). Em contrapartida, Koch, Altenhofen e Klassmann (2011) indicam a predominância da realização do r-tepe /r/, nesse contexto linguístico, nas regiões onde a segunda língua do informante é o alemão [Hunsrückisch] como na cidade de Feliz. Nesse sentido, Monaretto, Quednau e Hora (2014, p. 210) pontuam que, no dialeto do Rio Grande do Sul, “os bilíngues de colonização europeia substituem a vibrante múltipla pela simples em qualquer posição da palavra”.

É importante observar que, nos dados coletados, dois entrevistados indicaram utilizar as duas variantes. Sendo assim, se presume que o uso de uma ou outra variante muda de acordo com o contexto que esses sujeitos se encontram no seu ato de fala: em um contexto familiar, por exemplo, eles tendem a fazer o uso do r-tepe /r/, pois se encontram num ambiente onde sua fala não é monitorada e existe um contato maior com o Hunsrückisch. Em contrapartida, o uso das variantes do r-forte pode estar relacionado com situações de fala em contextos mais formais (emprego, lojas, escola) em que o sujeito pressupõe que sua fala está sendo monitorada pelos demais.

Além disso, o entrevistado A2 indicou uma mudança no seu modo de falar: “*Costumava falar com r-fraco, mas me acostumei a falar com r-forte.*”

Essa manifestação indica de forma clara uma mudança de pronúncia que é fruto de uma concepção da maioria que prescreve que a palavra *rato* deve ser pronunciada com r-forte. Nesse sentido, é conveniente observar algumas outras respostas. Na entrevista, após os entrevistados identificarem qual a sua pronúncia em cada palavra, eles foram questionados se achavam melhor uma ou outra maneira de falar. A maioria dos entrevistados não indicou preferência entre as duas variantes, porém seguem alguns exemplos de outros que sinalizaram aspectos interessantes.

A2: *“Pra mim o r-forte fica mais bonito de falar, mas pra mim é mais fácil falar o fraco.”*

A4: *“Sim, é melhor falar com o r-forte, na minha opinião. Acho isso, pois é mais comum e a outra maneira é uma mistura de uma outra língua com o português, o que não parece certo.”*

A7: *“Acho o forte mais correto.”*

A21: *“É melhor falar a palavra rato com R forte porque é mais comum.”*

A34: *“Ambos estão corretos, mas eu prefiro o forte.”*

Aqui, é possível verificar que os entrevistados manifestam uma concepção de monolinguismo da Língua Portuguesa, que considera a existência de uma língua perfeita e que todas as manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são errôneas. Nessa perspectiva, Bagno (2007) pontua:

A ideia de que existem variedades linguísticas mais ‘feias’ ou mais ‘bonitas’, mais ‘certas’ ou mais ‘erradas’, mais ‘ricas’ ou mais ‘pobres’ é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais e decorrem das relações de poder e de discriminação que existem em toda sociedade (BAGNO, 2007, p. 48).

A ideia mencionada pelo autor revela um conjunto de consequências sociais, culturais e ideológicas provenientes da variação linguística nas comunidades. (BAGNO, 2007), já que, às vezes, o uso de determinadas variações linguísticas ocasiona avaliações e julgamentos que se propagam através de preconceitos, discriminações e humilhações.

Dando continuidade a análise, apresenta-se o Quadro 2 que retrata a realização do [r] em posição intervocálica em contexto com “r” ortográfico:

Quadro 2 – Realização do fone [r] na palavra corrida

[R] REALIZADO COMO	DESCENDENTE S	NÃO DESCENDENTES
r-forte	72,2 %	93,7%
r-tepe	22,2 %	6,2%
as duas realizações	5,5%	-

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Os dados apresentados no Quadro 2 revelam, de modo geral, a preferência dos entrevistados pelo uso das variáveis do r-forte ao r-tepe em palavras em que essa variante se apresenta em posição intervocálica em um contexto com “r” ortográfico (ou “rr”). É importante observar o contraste em relação à realização do r-forte entre descendentes e não descendentes, uma vez que os descendentes de usuários do Hunsrückisch apresentam uma ocorrência menor de uso do r-forte em relação aos não descendentes, uma vez que o substituem pelo r-tepe.

Segundo Koch, Altenhofen e Klassmann (2011), é bem provável que a realização do r-tepe seja ainda mais constante entre os descendentes de usuários de

Hunsrückisch, pois o atlas indica uma ocorrência predominante dessa variante na região.

Outrossim, se forem comparados os valores entre a tabela 1 e 2, pode-se perceber que os entrevistados parecem ter mais facilidade de pronunciar o r-forte quando ele se encontra em posição intervocálica do que no início da palavra. Segundo Steffen (2013), provavelmente os entrevistados se apoiam na grafia para realizar a pronúncia:

Uma explicação possível é a de que os informantes se apoiam na grafia, considerando que as palavras com r-forte intervocálico se escrevem com r duplo <rr>, enquanto que, em início de palavra, se utiliza somente um <r-> (STEFFEN, 2013, p. 247).

Nesse contexto, também houve manifestações dos entrevistados quanto à preferência de uso de uma ou outra variante:

A2: *“R-forte pra mim é mais bonito, pra mim o r-fraco é mais fácil.”*

A6: *“Acho mais normal com r-forte.”*

A7: *“Eu acho que os dois estão corretos, mas acho o r-fraco meio estranho.”*

A9: *“Corrida com r-fraco fica mais difícil de entender dependendo do contexto.”*

A partir das manifestações apresentadas acima, é possível verificar um provável apoio dos informantes na grafia para a realização da pronúncia já prevista por Steffen (2013). Entretanto, Bagno (2015), em sua obra *Preconceito Linguístico*, busca desconstruir alguns mitos da Língua Portuguesa Brasileira, entre eles o de que: “O certo é falar assim porque se escreve assim.” (BAGNO, 2015, p. 79). Nessa perspectiva, o autor identifica a “supervalorização da língua escrita” atrelada ao “desprezo da língua falada.” (BAGNO, 2015, p. 79).

Segundo Bagno (2015), a valorização da língua escrita em relação à língua falada origina-se no ensino da língua no momento em que os alunos são instruídos a

pronunciar as palavras conforme sua escrita, pois essa seria a maneira correta de pronunciá-las.

Dando continuidade a análise, o Quadro 3 apresenta o último contexto linguístico de realização do fone [r] investigado, o “r” em posição intervocálica no início de sílaba.

Quadro 3 – Realização do fone [r] na palavra cadeira

[R] REALIZADO COMO	DESCENDENT ES	NÃO DESCENDENTES
r-forte	33,3 %	31,2%
r-tepe	65,5 %	68,7%
as duas realizações	11,1%	-

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Os dados apresentados no Quadro 3 indicam, de modo geral, que a ocorrência do r-tepe se sobrepõe ao r-forte nesse contexto linguístico. A ocorrência observada é coerente com o que Silva (2015) define como contexto típico do r-tepe: “[...] em posição intervocálica (como em ‘arara, marajá, cara, barata, parada’).” (SILVA, 2015, p. 48). Do mesmo modo, Koch, Altenhofen e Klassmann (2011) também indicam uma ocorrência predominante do r-tepe nesse contexto linguístico na região de Feliz.

Nesse contexto linguístico, os entrevistados, quando perguntados sobre o uso de uma forma ser melhor que a outra, não manifestaram diferenças como das outras vezes. Sendo assim, passemos a análise das entrevistas com os descendentes de alemães usuários do Hunsrückisch.

5.1 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM RELAÇÃO AO R-TEPE /r/ E OS DESCENDENTES DE ALEMÃES USUÁRIOS DO HUNSRÜCKISCH DA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ

Na segunda etapa da pesquisa, foram selecionados alguns descendentes de usuários de Hunsrückisch, a partir de suas respostas na etapa anterior. Os entrevistados escolhidos, em algumas respostas, sinalizaram a ocorrência de preconceito linguístico. Sendo assim, foram entrevistados 10 descendentes de usuários de Hunsrückisch divididos em 3 grupos. Em seguida, os dados coletados são apresentados e analisados.

Primeiramente, os entrevistados foram perguntados se achavam que falavam diferente em relação às demais pessoas, ao que responderam:

A33: *“Ah! O meu “r”, eu acho...”*

A4: *“Normalmente o “r”, geralmente eu não falo “rr” (forçando). Eu falo “r”, bem mais fraco.”*

A19: *“O “r”, às vezes...”*

É possível verificar, já nas primeiras respostas, a hipótese inicial do trabalho, que diz respeito ao preconceito linguístico em relação ao r-tepe /r/ na fala de descendentes usuários de Hunsrückisch. Nos trechos selecionados, os entrevistados percebem sua fala diferente em relação às demais pessoas, indicando a ‘diferença’ que observam em relação à pronúncia do fone [r].

Cabe aqui fazer um recorte e apresentar a sequência da entrevista com um dos entrevistados.



A19: *O “r”, às vezes...[Resposta da pergunta anterior]*

Pesquisadora (P): *“Às vezes mais forte, às vezes mais fraco?”*

A19: *“Só mais forte às vezes.”*

P: *“Mas você já parou pra pensar assim... Quando você costuma fazer isso?”*

A19: *“Aí tipo: carta, carro.”*

P: *“Existe alguma situação específica em que você costuma falar assim ou não? Por exemplo: quando você vai falar com seu professor. Você cuida mais ou não?”*

A19: *“Não. É que eu me acostumei a falar assim.”*

O presente recorte se faz interessante, pois o aluno aponta despretensiosamente dois contextos de sílaba diferentes e bastante pertinentes quanto a possibilidades de variações: final de sílaba (como em *carta*) e o contexto intervocálico com “r” ortográfico (como em *carro*) estudado anteriormente. De acordo com Silva (2015), o contexto de final de sílaba antes de consoante desvozeada, como é o caso de *carta*, apresenta diferentes realizações no português brasileiro: em Belo Horizonte como [h], no Rio de Janeiro como [x] e no dialeto caipira como [ɹ]. No entanto, segundo Koch, Altenhofen e Klassmann (2011), nesse contexto linguístico, na região de Feliz, há uma predominante preferência pelo uso do r-tepe.

No entanto, quando o aluno pontua “é que me acostumei a falar assim”, ele indica a influência do contato linguístico entre o Português e o Hunsrückisch, pois ele parece ter entendido que o “certo” é uso do r-forte, mas, por conta da influência da língua com que convive, utiliza em sua fala o r-tepe. Essa concepção de que o “certo” seria a pronúncia do r-forte provém do que Bagno (2015) define de ‘pronúncia padrão’:

[...] é aquela resultante de uma síntese das falas das camadas mais letradas das grandes cidades da região Sudeste, depois de eliminados os traços segmentais mais característicos. É a pronúncia que se emprega no Jornal Nacional, da Rede Globo, que é até hoje um dos

programas de televisão mais assistidos do país (BAGNO, 2015, p. 278).

Essa “pronúncia padrão” utilizada pela grande mídia é, geralmente, a referência de “fala correta” para muitas pessoas e, portanto, influência nos comportamentos linguísticos. Ainda sobre essa pronúncia, cabe ressaltar que, segundo Bagno (2015) essa pronúncia padrão possui um “caráter neutro” e não dispõe do [r] simples vibrado em sílaba travada (BAGNO, 2015).

Em seguida, questionou-se aos entrevistados se eles recordavam alguma situação em que falaram algo e alguém os corrigiu.

A33: “Uma vez a minha vó corrigiu o meu “r” que eu falava errado “carro”.”

P: “Mas como?”

A33: “Ela achou que eu devia falar mais forte, tipo “carro” (forçando a pronúncia).”

A9: “Sim, sim (rapidamente). Já aconteceram várias vezes... Erro de pronúncia, essas coisas assim.”

Na resposta apresentada pelo primeiro aluno (A33), há uma situação em que um familiar o corrigiu, pois sua pronúncia estava *errada*. Conforme já mencionado, nesse contexto linguístico, há um apoio na grafia da palavra para realização da sua pronúncia, o que Bagno (2015) indica uma supervalorização da língua escrita em comparação com a língua falada. (BAGNO, 2015).

Já o segundo aluno, constata que já houve situações de correção em relação a sua fala e as identifica como “erros de pronúncia”.

No entanto, cabe aqui reconsiderar a concepção de *erro*:

[...] o mito nº 6 (‘O certo é falar assim porque se escreve assim’) expressa a prática milenar de confundir língua em geral com escrita e, mais reduzidamente ainda, com ortografia oficial. A tal ponto que uma



elevada percentagem do que se rotula de ‘erro de português’ é, na verdade, mero desvio da ortografia oficial (BAGNO, 2015, p. 175).

Nessa perspectiva, a ortografia oficial possui caráter político, mas não modifica a sintaxe nem a semântica do que é dito e/ou escrito. É preciso ter cuidado para não confundir “Português com ortografia do Português”. (BAGNO, 2015). Nessa perspectiva, o autor ainda pontua que, do ponto de vista científico, não existem erros de Português, pois:

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a *gramaticalidade* ou *agramaticalidade* de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. (BAGNO, 2015, p. 176).

Portanto, segundo Bagno (2015), ninguém comete erros em sua língua materna, pois é algo que é adquirido pelo indivíduo desde o útero. Não há como dizer que o indivíduo desconhece sua língua materna sendo que ela o acompanha desde o seu nascimento.

No que se refere à língua falada, não é diferente. Nesse âmbito, a noção de erro, segundo Bagno (2015), é rotulada como:

[...] toda e qualquer manifestação linguística (fonética, morfológica e sintática, principalmente) que se diferencie das regras prescritas pela gramática normativa, que se apresenta como codificação da ‘língua culta’, embora na verdade seja a codificação de um padrão idealizado, que não coincide com nenhuma verdadeira variedade urbana de prestígio (BAGNO, 2015, p. 180).

Nesse sentido, cabe pontuar que a correção apontada pelo aluno é, na verdade, somente uma manifestação linguística fonética que não coincide com o padrão idealizado apontado por Bagno (2015), portanto é notado como erro pelas demais pessoas.

Outro aluno, ao responder ao questionamento sobre correções realizadas por outras pessoas, manifestou o seguinte:

A19: *“Eu já tipo, às vezes, ao invés de falar “carro” [r-forte], eu falo “carro” [r-fraco]. Mas tipo é só porque muita gente fala e eu acabo falando sem querer também, sabe?! Aí eu me corrijo, mas eu não costumo falar assim.”*

P: *“Você acha que por ter contato com pessoas que tão falando assim tu acaba falando também?!”*

A19: *“É, isso aí.”*

P: *“Já te corrigiram por causa disso?”*

A19: *“Várias vezes.”*

É possível perceber que o aluno, em sua fala, pretende se distanciar da ideia de que algumas vezes já pronunciou a palavra *carro* com r-fraco e aponta como influência o convívio com outras pessoas que falam dessa maneira. De fato, a premissa pode ser considerada verdadeira, tendo em vista sua descendência alemã, logo convive com usuários de Hunsrückisch que, por sua vez, possuem como característica o uso do r-tepe nesse contexto linguístico. Segundo Schneiders (2017), é possível que o bilinguismo seja resultado de um contato linguístico. Portanto, nessa perspectiva, é natural que ocorra essa influência e transferência fonética em sua fala.

Posteriormente, os entrevistados foram questionados como se sentiram em relação às correções que lhes foram realizadas.

A33: *“Não. É a opinião dela, mas eu não vou mudar só porque ela falou que meu “r” era errado.”*

A19: *“Sei lá... Não foi alguma coisa: “aí que chato”. Foi até tranquilo.”*

De acordo com as respostas apresentadas, em relação às correções realizadas, não se verifica (felizmente) uma situação de exclusão social por meio do preconceito

linguístico. Nesse contexto, as variações linguísticas são apontadas e determinadas, ou seja, há a ocorrência do preconceito linguístico, porém esse (aparentemente) não se solidifica. Segundo Bagno (2009), o verdadeiro problema não está em utilizar variação A ou B, mas com o seu “uso social perverso que se faz do domínio desse suposto saber”, ou seja, quando a língua passa a servir para a exclusão social.

Ainda sobre o questionamento em relação ao sentimento de ser corrigido em sua fala, outro aluno respondeu:

A9 (pensativo): *“Não sei... Eu não dou muita bola. Eu valorizo bastante aprender com erros assim, então por conta disso eu não me sinto mal por terem me corrigido.”*

P: *“Mas as correções que te ocorreram... dos casos que tu tá lembrando. Isso te deixou constrangido ou não?”*

A9: *“Um pouco, mas [pausa] é só questão de realmente... eu fiz uma coisa errada, vamos corrigir. Até porque, a maioria das vezes, isso foi em uma conversa direta com outra pessoa assim, não foi falando em público.”*

Segundo as respostas apresentadas, é possível identificar aqui outro cenário em relação ao preconceito linguístico, pois, nesse contexto, o aluno se coloca como aprendiz em relação ao “erro”: ele não considera que, o que é apontado por outras pessoas, pode ser uma “variação” existente na língua; ao contrário, ele manifesta o desejo “aprender com seu ‘erro’”. Sendo assim, o preconceito linguístico transparece através de uma imagem (negativa) que tem de si mesmo, baseado na crença da existência de uma única forma certa de falar as palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu contribuir com os estudos de Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul, abordando a língua de imigração Hunsrückisch. Sendo assim, o estudo ocupou-se de verificar as ocorrências das variáveis fonológicas r-forte /ř/ e /x/ e



r-tepe /r/ do Português falado por descendentes de imigrantes alemães usuários do Hunsrückisch. Além disso, estudou o preconceito linguístico com a variante fonológica r-tepe /r/ na fala desses descendentes.

Para tanto, realizou-se a descrição do uso da variável de acordo com os dados coletados nas entrevistas. Na realização do fone [r] na palavra ‘rato’, constatou-se a influência linguística do contato da Língua Portuguesa com o Hunsrückisch. Já no contexto fonético da palavra ‘corrida’, verificou-se uma ocorrência menor do r-forte na fala dos descendentes de alemães. Em contraste desses contextos, foi possível perceber que há mais facilidade na realização do r-forte em contextos intervocálicos devido ao apoio na grafia de modo que, nesse âmbito, refletiu-se a respeito da supervalorização da língua escrita em relação à língua falada. Em seguida, no contexto fonético da palavra ‘cadeira’, verificou-se que a realização do r-tepe, usualmente, se sobrepõe ao r-forte tanto na fala de descendentes como na de não descendentes.

Por fim, foram analisados os dados coletados nas entrevistas a respeito do preconceito linguístico. Nesses dados, foi possível confirmar a existência do preconceito linguístico em relação à variável fonológica r-tepe na fala desses descendentes através das situações relatadas: alguns revelaram “correções”, outros estranhamentos de outras pessoas e, também, a imagem (negativa) que possuem de si em relação à língua, já que entendem as suas variações como “erro”.

Ainda assim, cabe pontuar que, durante a análise de dados, verificou-se a possibilidade de pesquisa do fone [r] nos contextos fonéticos de posição pós-vocálica e em grupo consonântico. Sendo assim, essa possibilidade de estudo permanece para os próximos estudos em relação à realização do fone [r] na fala de descendentes de alemães usuários do Hunsrückisch.

Por último, é preciso ressaltar a importância dos estudos em relação ao preconceito linguístico para que esse problema social seja conhecido e subvertido. Nesse sentido, o presente trabalho visa contribuir com os estudos do Colegiado Setorial



da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul, coordenado pelo Prof. Cléo Vilson Altenhofen, que visa fomentar e salvaguardar os bens culturais do Estado. Conforme Bagno (2015), é preciso deixar o hábito de atribuir o “melhor” e o “pior” Português e respeitar, igualmente, todas as variedades da língua, pois são elas que compõem a riqueza da nossa cultura.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch In Rio Grande Do Sul**. Ein Beitrag Zur Beschreibung Einer Deutschbrasilianischen Dialektvarietät Im Kontakt Mit Dem Portugiesischen. STUTTGART: STEINER, 1996.

_____. **O contato entre o Português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch**. Rio de Janeiro: Trarepa, 2003. p. 146-163.

_____. **Migrações e contatos linguísticos na perspectiva geolinguística pluridimensional e contatual**. Revista de Letras Noroeste, Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/noroeste/article/view/>>. Acesso em: 26 jun 2018.

ANSCHAU, F. **Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário do Hunsrückisch falado no Brasil**. 2010, 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117599>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

ASSMANN, B. E. S. (Org.) **Feliz: ontem e hoje**. 3. ed. rev. amp. Porto Alegre: Corag, 2009.

BAGNO, M. **Português ou Brasileiro?** São Paulo: Parábola Editorial, 2001. 184 p.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. **Preconceito linguístico**. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORELLA, G. G., ZIMMER, M. C. **A influência do dialeto alemão Hunsrückisch na aquisição da escrita do pb entre participantes bilíngues**. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Sabrina%20Gewehr%20Borella.pdf>. Acesso em: 26 jun 2018.



HORST, A. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari.** 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102193/000921516.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 jun 2018.

ILARI, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos.** 2. ed. 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

KÄFER, M. L. **O ensino do alemão como LE em contextos bilíngues-Português-Hunrusckisch.** 2010. 53 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26367>>. Acesso em: 26 jun 2018.

KOCH, W., ALTENHOFEN, C. V., KLASSMANN, M. (Orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011a.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.* 4. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-14.

MONARETTO, V. **A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre.** In: BISOL, Leda; Cláudia BRESCANCINI. (Orgs.) *Fonologia e Variação. Recortes do Português Brasileiro.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MONARETTO, V. N., QUEDNAU, L. R., HORA, D. da. **As consoantes do português.** In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.* 5. ed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 202-220.

PRIŠTIC, Ladislav. **Kristang - Crioulo de Base Portuguesa.** Masarykova Univerzita Filozofická Fakulta. 2010. Disponível em: <<https://is.muni.cz/th/vdl9t/Bakalarka.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SCHMIDT, J. E. **Versuch zum Varietätenbegriff.** In: LENZ, A. N.; MATTHEIER, K. J. *Varietäten. Theorie und Empirie.* Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005.

SCHNEIDERS, M. **Macroanálise pluridimensional da variação de <gurke/kummer> e <pfirsich/pesch> como indicadores de normatividade e/ou dialetidade do Hunsrückisch.** 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó, 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1761/1/SCHNEIDERS.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2018.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 10. ed. 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.



SPINASSÉ, K. P. **Contribuição do português para a constituição lexical do Hunsrückisch em situação de contato linguístico.** *Revista Linguística: Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3*, n. 13, v. 3, dez. 2017, p. 94-109 Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/16385>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo.** *Conexão Letras. História, Linguística & Literatura. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 3, n. 3, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 125 - 140.

_____. **O Hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha.** *Revista Espaço Plural*, v. 9, n. 19. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1934/1529>>. Acesso em: 20 out 2018.

SPINASSÉ, K. P. et al. **O aspecto lexical na língua dos imigrantes alemães no Brasil.** In: MARTINEZ, E. E. G. et al. (Org.). *História da imigração: possibilidades e escrita*. São Leopoldo: Oikos, Editora UNISINOS, 2013, p. 334-354.

STEFFEN, M. **Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsqueriano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul.** *Organon - Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 28, n. 54. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38066>>. Acesso em: 26 jun 2018.

Recebido Para Publicação em 30 de agosto de 2018.

Aprovado Para Publicação em 18 de outubro de 2018.